

OPINIÃO

Serena resistência de um sertanejo


MAURÍCIO CORRÊA
Advogado

É de Saint-Beuve a célebre frase de que “quando o destino de uma nação está no quarto de uma mulher, o melhor lugar para um historiador é a antecâmara”. A via-crúcis pela qual passa o presidente do Senado parece não ter precedência na longa história de vida da instituição. Da relação então experimentada, que é da condição humana, irrefreável tormenta desabou sobre seus ombros. De lá para cá, a imprensa, todos os dias, imperdoavelmente, tem noticiado, com manchetes de primeira página, episódios ligados à sua vida particular e pública. É o tributo pago por exercer alto cargo do escalão estatal.

Harriette Wilson, uma mulher charmosa, bonita e inteligente, era a mais procurada fornecedora de sexo da Londres do reinado de George 14. Em 1824, com 35 anos, já preocupada com as rugas do tempo, resolveu publicar suas memórias. Entre seus clientes contavam-se condes, duques, marqueses, membros da Câmara dos Comuns e dos Lordes, além de destacados homens de negócio e profissionais liberais. Foi atrás de um livreiro para encarregar-se da publicação das memórias, ajustando com ele que os fascículos seriam editados em série. Acertou que ficaria com percentual remuneratório sobre as vendas. Reservou, contudo, para si própria o grosso do lucro. Viria de um estranho fundo cuja fonte de suprimento se constituiria dos recursos de chantagem armada contra seus clientes.

Antes da publicação de cada fascículo, os personagens envolvidos eram avisados de que, para evitá-la, teriam que fazer um depósito bancário, em nome de Harriette, de 200 libras esterlinas para cada contemplado. Com isso, conseguiu amealhar recursos que lhe permitiram viver o resto da vida em Paris, tranqüila e financeiramente abastecida. Walter Scott, seu contemporâneo e emérito romancista, assustou-se quando deu conta de que

Invanhoe, seu livro de sucesso, vendia menos do que os escandalosos fascículos de Harriette. Satisfeita, teria dito, referindo-se a Scott: “Agora somos as duas maiores pessoas da Europa! Scott do jeito dele, e eu do meu! Tudo o que vier depois de nós serão meras cópias”.

Sem pretender entrar no mérito do que está em apuração no Senado, o que se poderia indagar é se a conduta particular de certos personagens da vida pública nacional resistiria a tão pertinaz, insistente e torrencial campanha. Afinal, quantos não estão respondendo a ações, algumas com acusações graves, perante a Justiça? No entanto, estão aí sorrindo, felizes como se fossem imaculados. Resistiriam à metade da pancadaria que se abateu sobre o presidente do Senado?

Ninguém pode negar o papel de extrema relevância que a imprensa desempenha no contexto democrático dos países livres. É salutar que sua atuação continue sendo a de informar a opinião pública. No caso do

senador, parece que a exacerbação do noticiário vem cansando a sociedade. A massificação de notícias que tem tido constância irrepreensível começa a enjoar parcelas da sociedade nacional.

Alguns semanários, obedecendo ao que dizem ser jornalismo investigativo, têm sido de desumana crueldade. Algumas matérias, de virulento conteúdo persecutório, se desmascararam por evidências posteriores. É o que resultou até agora da inexistência de comprovação de muitas das imputações conhecidas. No lugar de promover jornalismo investigativo, partiram para a agressão, algo bem distinto da informação em si a que deve merecer o leitor. Muito mais do que informar, transparece de tal circunstância o sentido de certa hostilidade de caráter pessoal.

Ao leigo de fora que assiste a tamanha crucificação, um fato deve ser registrado. Ao longo de todo o tempo em que se tornou a notícia número um da mídia nacional, a postura do presidente do Senado tem sido de impecável temperança. Na porta de casa, em frente ao gabinete, nos corredores ou no plenário do Senado, enfim, por onde passa, é acompanhado por um batalhão de fotógrafos, cinegrafistas e repórteres. Nada contra. É dever deles. Mas o que deve se observar é que não se conhece qualquer descortesia que tenha praticado contra os que cobrem a notícia. Não é fácil conter a pressão a que se submete. É difícil supor se outro em seu lugar teria similar equilíbrio.

Arcou com a responsabilidade de seus atos. Teve a coragem de explicar-se em público. Bravamente, esse o advérbio certo, tem procurado responder a cada uma das imputações. Seus discursos têm sido moderados, corteses, embora se perceba a amargura de que padece. Isso não é fácil. Que digam os que já passaram por experiência parecida.

Se houvesse antes se afastado da presidência do Senado, quicá não tivesse padecido do desgaste físico e moral até aqui sofrido. Não dá para saber se valeu a pena tanto sacrifício quando tudo poderia ter sido evitado.

Justiça seja feita. Renan não esmorece, luta; não se abate, levanta; não corre, combate; não desiste, persiste. Certo de que nada deve, espera serenamente que lhe tirem a forca do pescoço.



Beber é bom, mas vamos com calma


JAIME PINSKY
Historiador e editor
www.jaimepinsky.com.br

Acontece a cada dois anos e pouco das eleições: os temas relevantes afloram. Cultura, educação e saúde saem do limbo e ganham capas de revistas, horário nobre das tevês, as primeiras páginas dos jornais e, principalmente, a atenção dos políticos. No rápido período que vai de julho a outubro dos anos eleitorais, o cidadão desavisado pode ter a impressão de que, finalmente, aquelas questões sairão das salas de seminários e entrarão na pauta das políticas públicas prioritárias. Ficamos todos com esperança de que assuntos como a inclusão social sustentável, a escola pública universal de qualidade, o acesso aos bens culturais por parte de todos os cidadãos, assim como ações mais decisivas na área da saúde, saiam do papel e do blabláblá inconseqüente. Ledo engano. Após as eleições, eles saem rapidamente da agenda, das manchetes e das preocupações de quase todos, a não ser de meia dúzia de ingênuos idealistas.

Daí, por excepcional, é que chama a atenção a atitude do atual ministro da Saúde, José Gomes Temporão. Ao que parece, ele tomou como tarefa, entre outras, esvaziar os necrotérios de acidentados de trânsito e os hospitais de portadores de cirrose, hipertensão arterial e outras doenças decorrentes do abuso de bebidas alcoólicas. Os dados são insofismáveis: quase metade dos jovens mortos em acidentes de trânsito dirigiam embriagados; o hábito de beber está começando na adolescência,

quando ainda não se tem a medida exata das conseqüências do vício. O álcool é o maior responsável pela ausência no trabalho, com impacto importantíssimo sobre a produtividade do brasileiro. O álcool participa ativamente da violência doméstica e da violência nas ruas. Contudo, pouco se fez até agora para prevenir esses problemas.

Apesar de ser proibido vender ou servir bebida alcoólica a menores, qualquer pessoa de qualquer idade tem acesso a ela, salvo raríssimas exceções. Vários jornais experimentaram enviar crianças a supermercados e bares, e elas não tiveram dificuldade em consumir e/ou comprar garrafas de bebidas. Bares de estrada e, pior ainda, postos de gasolina, vendem bebidas alcoólicas. É comum, nas noites de sexta e sábado, jovens dirigirem com uma lata ou uma garrafa de cerveja na mão.

Espantosamente, a lei brasileira permite que pessoas em alto grau de embriaguez se recusem a fazer o uso do bafômetro. Em São Paulo, nas vilas Madalena e Olimpia, em Belo Horizonte, na Savassi, na orla do Rio, Maceió, Fortaleza, na região do Parque Ecológico em Indaiatuba, as pessoas enchem o caneco e saem dirigindo por aí, matando e morrendo. Compromisso? Nenhum, a não ser com a euforia turbinada a álcool em nível muito superior ao supostamente permitido. Se não se faz cumprir a lei, ela não tem função.

É claro que há interessados em manter a situação atual, principalmente fabricantes de bebidas. Por meio de muito bem montado lobby e de propaganda caríssima, as empresas de cerveja resistem a algumas medidas que já deram certo em numerosos países, como a regulamentação da propaganda. Em artigos, matérias pagas e até cartas às redações, os fabricantes querem nos convencer de que

a apelação da propaganda na tevê, a qualquer hora, identificando a bebida — geralmente a cerveja — com a conquista de mulheres “gostosas”, não pretendem carrear novos consumidores, apenas fazer com que os antigos mudem de marca. A propaganda é enganosa, porque não diz, por exemplo, que beber muito pode até aumentar a vontade, mas certamente diminui a possibilidade...

As alegações dos fabricantes de bebida, apoiadas por um frágil código de auto-regulamentação, trombam com o resultado de importantes pesquisas. Uma delas, patrocinada pela Fapesp, provou que a propaganda atinge profundamente os adolescentes, criando novos consumidores. E o novo alvo dos fabricantes são as mulheres que, supostamente, ainda bebem menos do que o desejável... para eles. Outra pesquisa de âmbito nacional demonstra que boa parte dos adolescentes que experimenta a bebida tende a tornar-se dependentes dela. A restrição dos horários de exibição das propagandas na tevê, a aplicação das leis já existentes sobre venda de bebidas a menores e a suspensão da habilitação de quem é pego dirigindo embriagado precisam se efetivar imediatamente.

Não se trata, é claro, de uma cruzada moralista. As pessoas bebem porque o álcool pode ser fonte de prazer. Beber moderadamente pode estar ligado a celebrações, e é bom celebrar. Acontece que é papel do Estado conscientizar as pessoas sobre os malefícios do abuso, já que terceiros podem ser afetados por quem bebe descontroladamente, tanto por conta dos acidentes que causa, além de faltas ao serviço (que podem acarretar também desagregação familiar), quanto pelos custos que o tratamento impõe a toda a sociedade. E essa conta, os fabricantes dizem que não é deles.


ARI CUNHA
visto, lido e ouvido

Desde 1960

 ari.cunha@correioweb.com.br
com Circe Cunha // circe.cunha@correioweb.com.br

Tumulto na aviação

Não parece má vontade de ninguém. Ocorre que há gente demais no controle da aviação civil. Chocam-se nas atividades e não encontram caminho único para as decisões. Muita gente falando e decidindo estabelece confronto de opiniões. Isso provoca discussões e exposição de pensamentos contrários. Arrogância de um lado, teimosia do outro. Os militares ficam calados, observando o que acontece. Quando chega a hora em que podem decidir, vem a palavra reta, sem política nem interesses pessoais ou partidários. Esses fatos poderão provocar dissabores para o país em proporções lamentáveis e desagradáveis para nós, os passageiros. A aviação comercial brasileira sempre foi líder e partícipe do bloco A das empresas mundiais. Quem manteve isso com altivez e segurança foi a Varig. Dissolvida pelos interesses da Fundação Rubem Berta, que controlava todo o seu ativo, vive dividida entre a parte que dá lucro e a outra, que consome o dinheiro arrecadado. Mas há caminho reto para a aviação. Basta que se reduzam os cargos de mando e o poder autoritário de tantas cabeças coroadas. Precisamos de paz no ar para podermos viver a tranqüilidade, voando com as melhores tripulações do mundo.

A FRASE QUE FOI PRONUNCIADA

“O nosso maior cliente é o Poder Legislativo”

Comentário feito pelo ministro Marco Aurélio Mello, sobre o trabalho desenvolvido pelo Tribunal Superior Eleitoral.

Pinimba

Dez anos depois de realizado o leilão, e vendida a Companhia Vale do Rio Doce, o PT quer plebiscito, a ver se a venda foi feita corretamente. O problema requer concordância da comunidade brasileira quanto à mudança de propriedade. Estranhável é que o partido do governo tenha demorado tantos anos para aferir o grau de honestidade do leilão.

tário Fraga, dos Transportes, acalmou os cobradores de ônibus. Com a implantação do uso de cartão magnético, a classe começou a tirar conclusões precipitadas de que seria demitida. A informação é a de que os trocadores serão reaproveitados. O pagamento em espécie continuará, e por lei terá que ser recebido pelo cobrador.

Voto

Protesto do senador Casagrande diz que voto secreto é anomalia regimental. Quando houve a mesma situação na Câmara dos Deputados, quem quis mostrou o voto. A opinião secreta é resguardada. Mas o regimento não impede o voto declarado.

Alinhamento

O senador Demóstenes Torres, diante do que tem ouvido na CPI, vai tomar direção em favor do país. É seu propósito alinhar todos os depoimentos. Espera que a divergência entre funcionários da aviação comercial seja avaliada por quem de direito. O Brasil corre o risco de mudar de classificação de empresa, que possui desde os tempos dos primeiros vôos após a guerra.

Sujou

Tudo preparado. Mas a surpresa foi a marca registrada da parada da independência em Maceió. O governador Teotônio Vilela Filho teve que sair à sorrelfa do palanque das autoridades. Os protestos tomaram conta das atrações. O cerimonial achou melhor suspender o desfile.

Lei

A declaração do secre-

Lá e cá

Quem vê os problemas na aviação brasileira não imagina o que passam os chineses. A previsão é a de que, até 2010, sejam necessários 9 mil pilotos para suprir as necessidades da área.

Às margens

Sumido, há quem diga que o senador Delcídio Amaral foi deixado de lado pelo partido. Graças à seriedade no comando da CPI dos Correios, as denúncias contra o PT não terminaram em pizza. Detalhe: Delcídio Amaral é do PT.

HISTÓRIA DE BRASÍLIA

Quando, entretanto, algum figurão quebrar a perna naquela burocrática e naquela escuridão, vocês verão que feira de gás néon. (Publicado em 1/12/1960)